

Reportagem Um triplo homicídio chocou Portugal e retirou da invisibilidade um bairro no coração de Lisboa. No Bairro do Vale, na Penha de França, havia uma barbearia. Carlos Pina realizara ali o seu sonho, fazendo outros sonhar. Ele e um casal amigo foram assassinados. A máquina mediática, na sua voragem, assentou arraiais. E, por entre o medo e um silêncio pesado, todos os preconceitos se revelaram. O assassino foi capturado esta semana. E os invisíveis desceram à rua, lançando foguetes e balões brancos em honra dos mortos. E de algo que lhes foi retirado: a possibilidade de sonhar. Por um corte de cabelo

Por **Luís Pedro Cabral** texto e **Ana Brígida** fotografia



Lisboa

O bairro dos invisíveis

Descendo da Praça de Paiva Couceiro, na freguesia de Penha de França, em direcção ao Tejo pela Avenida de Mouzinho de Albuquerque, encontra-se à direita uma espécie de fim da cidade de Lisboa, que gerações transactas apelidaram de Vale Escuro, hoje em dia mais conhecido por Vale de Santo António, que é padroeiro de Lisboa, mas aqui de nada parece valer para um longo processo administrativo que se arrasta de impasse em impasse entre a Câmara Municipal de Lisboa e a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo. Mais parece uma maldição de Santa Engrácia por ter deixado de dar nome à freguesia, hoje São Vicente, não muito distante dali. Antes fosse, sempre se podia rezar. O que está em causa é só a operação urbanística de maior amplitude em Lisboa desde a reabilitação da zona oriental da cidade, à boleia da Expo'98, cujo tecido edificado reluz lá ao fundo, antes do horizonte se rasgar na Ponte Vasco da Gama.

Nesta margem da Mouzinho de Albuquerque é como se a malha urbana da



cidade fosse abruptamente interrompida por um pedaço desordenado de campo, em texturas de abandono. Pequenas hortas, divididas por chapas enferrujadas e pedaços de madeira e caixas de cartão a fingir de cerca, escondendo barracas de arrumos por entre canaviais, amontoados de entulho, ruínas de casebres invadidas pelo verde-pálido da vegetação, que parece ser a única coisa que cresce neste sítio. Improvisou-se um enorme parque de estacionamento de autocaravanas, aproveitando a desregulamentação nesta fracção de território.

Nos anos 80, morava aqui gente, gente vinda de toda a parte, trazida pela pobreza, de diversos meridianos de Lisboa. Em 1983, chegou ali um rapaz, que morava com o seu pai para os lados de Campolide. O pai era cabo-verdiano, militar. Tinha lutado por Portugal na guerra ultramarina e não tinha perdido lá a vida por pouco. Um ferimento grave fez com que fosse enviado de urgência para o Hospital Militar em Lisboa, já sem um pé. A guerra tinha acabado para ele. Outra tinha começado. Esteve internado seis longos anos, sempre a necessitar de cuidados. As feridas que trazia infectaram e a infeção obrigou os médicos a amputar a

perna. Tinha 19 anos quando chegou ao hospital, em 1970, quando saiu tinha 25. A sua revolução foi no hospital.

Contaria mais tarde ao seu filho que lhe cortaram a perna com um serrote cirúrgico e que as dores só muito lentamente o abandonaram, a não ser quando mudava o tempo. Não era como as memórias da guerra, porque essas raramente lhe davam descanso. Estacionou a sua vida em Campolide, numa casita pequena. E, num desses acidentes do destino, foi pai. Deu ao filho o seu nome: Carlos Alberto Pina. Não tinha apelido da parte da mãe, que os abandonou quando ele tinha apenas oito meses. E eles passaram a ser dois, dois inseparáveis dois, a única família que lhes restava.

E a vida lá ia, como era possível, entre algumas alegrias inocentes e as suas próprias feridas de uma guerra quotidiana. Não era fácil, nem difícil, era o que era. Campolide nem era dos sítios piores para se viver, embora certo dia um pesadelo deflagrasse dentro da sua casa, deixando-a em cinzas, com pai e filho perdidos, sem ter para onde ir, sem ter onde ficar. A CML encontrou-lhes alojamento provisório. Uma questão de pouco tempo, disseram-lhes.

Sem rede

No Bairro do Vale congregavam-se os realojados do Alto da Eira, da Quinta dos Peixinhos e até do antiga Quinta da Curraleira, debaixo de um tecto, mas sem a rede social que tinham, ali tão perto, nas redondezas que desaparecera m quando eles saíram de lá

Sonhos de cimento

E eles foram morar para umas casas prefabricadas, que ficavam mesmo em frente a um sonho de cimento, com 12 blocos de sete andares, muito perto da Quinta dos Peixinhos e do Alto da Eira, perto da Graça, perto de Sapadores, perto do Tejo, perto de Santa Apolónia, perto de tudo e de tudo longe. Lá em cima, no dorso do prédio, ainda sobrevive o nome desse sonho, com letras vermelhas esbatidas, por baixo de uma enorme tira de humidade que acompanha a linha de telhado: “Cooperativa de Habitação Económica Sonho de Abril”. Este projecto, fundado em 1982, não se enquadrava no tempo ou no espaço nas chamadas operações SAAL (Serviço Ambulatório de Apoio Local) –, lançadas pelo arquitecto Nuno Portas, secretário de Estado da Habitação e Urbanismo entre o primeiro e

o terceiro governos provisórios – que consistiam na construção a baixo custo para as populações carenciadas em Lisboa, no Porto, em Setúbal e no Algarve, lançadas logo a seguir a Abril de 1974, prolongando-se pelo ano seguinte, pelo período intempestivo do PREC. Um projecto magnífico, com a energia da mudança e as dinâmicas próprias desse momento da nossa história colectiva. As operações SAAL envolviam as comissões de moradores e os próprios arquitectos, trabalhando em equipas multidisciplinares.

“Há um ensinamento bonito que a experiência do SAAL nos deixou: eles resolviam o problema do particular para o geral e não do geral para o particular. Não se partia dos grandes eixos, das grandes vias, das grandes infra-estruturas. Partia-se do problema casa a casa, sítio a sítio, bairro a bairro, não era uma coisa feita no gabinete, no escritório”, diz o arquitecto Ricardo Santos, investigador das SAAL, com muitos trabalhos publicados sobre estes projectos, os impactos e as marcas vivas que deixaram nas cidades. Sendo morador da Penha de França, o seu trabalho estende-se naturalmente às comunidades que habitam nesses bairros.

Só passados 20 anos sobre o 25 de Abril se lançou o Plano Especial de Realojamento, vulgo PER, que envolveu a construção de perto de 35 mil habitações em Lisboa. “O PER era um megaplano nacional, construíram-se milhares de casas a todo o custo, na tipologia que for, com a densidade que for, no sítio que for, onde der, o mais rapidamente possível. Em termos de eficácia dos números, resolveu. Agora era bom começarmos a ver os problemas que criou. Resolveu um muito importante, mas criou outros. Hoje, acho que era fundamental, mais do que celebrar, identificar esses problemas. Nas SAAL, essa ideia de partir do particular, do diálogo com as pessoas, a forma como se definia o que o projecto ia abranger chamava-se unidade operacional, que era definida pelos moradores. Essa ideia de trabalhar localmente, de lhes dar instrumentos, ferramentas, ouvir o que faz falta, é muito mais fácil. É mais sensível, eventualmente pode demorar mais tempo, mas a médio e longo prazo evita muitas coisas. Esse é um dos grandes ensinamentos do SAAL que podia ser transposto para a realidade de hoje”, acrescenta Ricardo Santos.

Gonçalo Antunes, geógrafo e professor universitário na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, coordenador do Departamento de Geografia e Planeamento Regional, recorda qual era a situação da zona oriental de Lisboa antes de se implementar o PER. É como se definisse o mundo, como aquele pai e aquele filho o conheceram quando se mudaram de Campolide para a Mouzinho de Albuquerque: “Até ao início da década de 1990, existiam vários ‘bairros de barracas’, como eram popularmente denominados. Esta era a zona da cidade que mais concentrava esse tipo de carências habitacionais. O último e derradeiro impulso para a construção desses bairros de habitação pública foi dado pelo PER, de 1993, que era destinado aos municípios das duas áreas metropolitanas, e que no caso particular de Lisboa dava continuidade ao Plano de Intervenção a Médio Prazo, de 1987. Foi fundamental para resolver em definitivo os problemas dos bairros de →



habitações precárias que existiam no município de Lisboa, mas, mais do que isso, para garantir dignidade habitacional às famílias que residiam nesses bairros. Permitiu resolver um problema que tinha várias décadas e para o qual não se tinha conseguido solução”, acrescenta.

A estética insalubre dos bairros de lata que proliferavam na cidade de Lisboa, uma amálgama disforme de barracas de zinco e madeira, sem água, luz eléctrica, esgotos, dignidade, direitos humanos, não fazia grande *pendant* com o perfil de uma cidade moderna em paz e harmonia com a cidade antiga, tudo muito bem embrulhado com um laçarote intelectual de uma Lisboa 94 – Capital Europeia da Cultura, que foi como um acepipe da grandiosidade da Expo'98. Essa capital tinha no seu âmago bolsas imensas de miséria, guetos de “sem-esperança”, desenraizados, entregues a si próprios. Tão visíveis que se tornaram invisíveis no coração de Lisboa.

A grandeza da escala do Plano Especial de Realojamento não atendeu às variadíssimas particularidades do problema social residente. Foi como se a pobreza se trasladasse das barracas para os apartamentos, perpetuando por gerações, numa estranha hereditariedade. A erradicação das barracas não é o mesmo do que a erradicação da pobreza. Não há um habitante destes lugares que não o saiba.

E, entre vagas de realojamento, injeções de esperança e sonhos que desvaneciam, a vida de pai e filho criou ali, na Avenida de Mouzinho de Albuquerque, as suas raízes. Aquele alojamento provisório durou 16 anos. As famílias que moravam nas outras cinco casas prefabricadas, tão provisórias quanto eles, transformaram-se de certo modo na sua família, assim como o imenso bairro de barracas em redor, onde ninguém era estranho ao extremo da pobreza.

E o realojamento chegou, saído dos esboços de um idealismo de gabinete. E eles mudaram-se para a margem esquerda da Avenida de Mouzinho de Albuquerque, para o bairro que nasceu nas traseiras da Cooperativa Sonho de Abril. Um outro mundo, como uma zona transfronteiriça separada por enormes blocos habitacionais, torres com 13 pisos, com as costas voltadas para a cidade. Plantaram-se ali umas árvores ao longo da avenida, meramente decorativas, como espécies de uma civilização perdida, perdida lá atrás, no Bairro do Vale.

A entrada destes prédios fica nas traseiras da avenida, como se a própria arquitectura virasse os habitantes para si próprios, como se fossem habitantes daquele bairro e não desta cidade. Era isso que os unia. E isso que os separava. No Bairro do Vale congregavam-se os realojados do Alto da Eira, da Quinta dos Peixinhos e até do antiga Quinta da Curraleira, debaixo de um tecto, mas sem a rede social que tinham, ali tão perto, nas redondezas que desapareceram quando eles saíram de lá.

O Bairro do Vale tem na Rua de Henrique Barrilaro Ruas o seu fio condutor, que separa um amontoado de prédios num amontoado de solidão, sem ter ali uma única infra-estrutura pública que lhe permitisse ser bairro como os bairros são. O miúdo tornou-se rapaz. E foi na escola que começou a estabelecer essas tais raízes que unem as pessoas aos lugares. A rua tem muitos perigos, muitas tentações, mesmo ali, mesmo à mão, logo quando a juventude aconselha a fazer tudo quanto é proibido. Mas o pai, do alto das suas muletas, nunca lhe permitiu grandes cedências. Mantinha intacto o seu perfil militar. Era muito rigoroso na educação do filho. Quando ele chegava a casa, cheirava-lhe o hálito. Os seus olhos eram detectores de desvios.

E o tempo passou num ápice, como se estivesse a jogar à bola no recreio. O miúdo cresceu para homem e o pai fez-se velho, assim como o lugar. Quando deram por eles, o bairro já era seu, assim como eles já eram deste, unidos e separados por uma forma mutante de isolamento, em constantes vagas de realojamento. Partem uns, chegam outros. E a ilusão de mudança por lá fica.

No bairro nunca se sai

Carlos conheceu uma rapariga pela qual se apaixonou. Disse ao pai que tinha encontrado a mulher da sua vida, que era para casar, comunicando-lhe depois que também ele ia ser pai. Tinha 18 anos. Era como um duplo atestado de maioridade. Com o ensino secundário incompleto, estava na hora de se fazer à vida, indo ao encontro da sua, noutro bairro, não muito longe, na Quinta do Lavrado, Pichelêira. Ainda o filho não tinha um ano, quando nasceu o segundo. Com 22 anos, já era pai de três. O seu novo bairro não era exactamente péra doce, mesmo para quem vinha da pobreza. Foi essa a raiz que o



Amontoados

O Bairro do Vale tem na rua Henrique Barrilaro Ruas o seu fio condutor, que separa um amontoado de prédios num amontoado de solidão, sem ter ali uma única infra-estrutura pública que lhe permitisse ser bairro como os bairros são. Em cima, homenagem a Carlos Pina

formou e ele nunca a escondeu. Só a maturidade é capaz de conferir o orgulho a essa matriz, sempre com o pensamento num futuro melhor. As alternativas não eram vastas. A exemplo do que acontecera com alguns da sua geração, inscreveu-se num curso para tirar o certificado de motorista de táxi. Não é que sentisse uma atracção irresistível pela profissão. Era sustento para a família. O dom que lhe pertencia só o encontraria mais tarde,

também pela via da necessidade.

Deu por abençoado o dia em que comprou uma máquina de cortar cabelo em segunda mão. Valia o investimento, pois sempre se poupavam uns trocos cortando o cabelo aos filhos. A primeira vez que experimentou a máquina na cabeça do mais velho, foi como uma revelação, como se os astros se conjugassem para lhe apontar o caminho. Não é para todos, ser barbeiro. Para ele, não era coisa que se fizesse apenas por mera carência, pois para isso tinha o táxi. Os filhos rapidamente se transformaram nas suas cobaias de estimação, aprimorando a arte de cortar cabelo. Quanto mais cortava, mais gostava. E foi assim que ele passou a conduzir o táxi de profissão, tornando-se barbeiro doméstico nas horas vagas. A vizinhança da Quinta do Lavrado reconhecia-lhe o talento. E a malta começou a ir a sua casa



cutar o cabelo. Se fosse criança, cobrava dois, três euros. Adultos, cinco euros.

O sonho começou a crescer nele, sem ele saber bem o que lhe fazer. Algo lhe dizia que era aquela a chave da sua vida, mesmo quando esta mudou de novo. As coisas com a mãe dos filhos começaram a azedar e a coisa acabou em divórcio. E, no Bairro do Vale, de onde quem lá cresce nunca sai verdadeiramente, descobriu novo amor. Cumpriu-se o velho ditado do bom filho que torna a casa, só que ele não voltou para casa do pai, que, entretanto, adoeceu.

Lá veio o Carlos, mais os filhos, recomença a vida onde esta começara, juntando os trapinhos com a nova companheira, que já estava grávida do primeiro filho do casal, o quarto dele. A história, naquele bairro, tem muitas maneiras de se repetir, como se fosse obra do destino. Quando deu por ela, já tinha cinco cabeleiras para cortar, tirando os clientes, alguns amigos de infância, que ele recebia em casa, na Rua de Henrique Barrilaro Ruas, no Bairro do Vale, onde mais havia de ser?... O táxi não lhe dava assim tanto que ele pudesse abdicar do seu plano secreto: ser barbeiro. Estava viciado em cortar cabelos. Havia ali quem tivesse vícios piores. Adorava aquele biscate, mas não sabia como o transformar em profissão. Até que surgiu a oportunidade de trabalhar no Vasco's Barber Shop, na Rua do Barão de Sabrosa. Visto do Bairro do Vale, "lá em cima". Do bairro, é como se tudo esteja fora de portas. Até para comprar pão se tem de sair de lá, como se fosse uma expedição. Todas as pequenas coisas do dia-a-dia lá faltam, agora mais do que nunca.

O arquitecto Ricardo Santos, que conhece bem o Bairro do Vale, e que no decurso do seu trabalho se cruzou com amigos e familiares de Carlos, explica o fenómeno. Aliás, se analisarmos a questão dos realojamentos em Lisboa ao longo do tempo, percebemos que não é fenómeno, é política.

Essas coisas do quotidiano, que parecem pequenas, são fundamentais para retirar do isolamento a que foram condenados por decreto os bairros como este. E, mais uma vez, é um problema de método e de escala. "Não é preciso fazer um edifício que custa três milhões de euros, o centro social, cultural, polidesportivo. É preciso resolver pequenas coisas, ligar a cidade a esses sítios, ter um transporte, as coisas chegarem lá, naturalmente. A cidade tem tudo, a complexidade tem tudo. Quando as pessoas se encontram, se cruzam, é tudo muito mais normalizado. Se estou no meio da cidade, já não estou no bairro, estou numa rua. Se um prédio às cores tem de ser de habitação social, pintemo-lo de branco. Já tudo acontece naturalmente. Nós sabemos como se faz. Temos escolhido não o fazer".

Gonçalo Antunes acrescenta: "Já nos anos 90, quando os bairros PER estavam em construção, era reconhecido que apenas encontrar uma solução habitacional não era suficiente, sendo necessário providenciar um habitat adequado". Traduzindo: "É importante que o espaço público tenha qualidade, que existam equipamentos e serviços de apoio à população local, uma boa rede de transportes, comércio local, espaços verdes de recreio e lazer. Enfim... tudo aquilo que é essencial para a qualidade de vida e bem-estar da população". Enfim... tudo o que falta no Bairro do Vale, somando a ausência de manutenção e conservação do edificado. Por junto, fica lá o imaginário de um bairro social, inacessível e perigoso, onde habitam todos os estereótipos do preconceito.

Carlos chamava-lhe casa. Para ele nunca foi um regresso, pois nunca se tem a sensação de regressar a um sítio de onde nunca se saiu. A sua história, contou-a na *Cidade Invisível*, em 2021, a António Brito Guterres, docente e investigador do Iscte e, antes de mais, alguém de lá, como ele.

Os invisíveis

Tinha 30 anos, cinco filhos, um certificado de motorista de táxi e um curso de barbeiro quando o seu pai morreu. Uma dor sem fim, maior do que mil bairros. E, no meio deste pesadelo, emergiu o seu sonho. O pai deixou-lhe de herança um dinheiro que tinha amealhado uma vida inteira. E foi assim que, no dia 2 de Dezembro de 2016, nasceu no Bairro do Vale a Barbearia Granda



Pente – Pina Barber Shop, que lentamente se substituiu às infra-estruturas sociais que lá faltavam. As que em tempos existiram, da época longínqua em que o 18 (autocarro) passava por aqueles lados, foram cedendo à velha maldição do bairro, essa coisa de não ter outro remédio senão fechar as portas, da mesma maneira que a cidade se fecha a eles.

Entre um *grafitto* dedicado ao Sporting e outro dedicado ao Benfica, ficam os vestígios desses tempos. O Alto da Eira Futebol Clube, fundado em 1936, que tem ferros soldados nas portas, sob um pequeno telheiro a cair de podre. E, fechadas a sete chaves, com portas de correr de aço vermelhas, como se lá dentro escondessem o tesouro das memórias, a Associação de Moradores do Bairro do Vale, que tem ao centro uma janela estilhaçada, coberta por um saco de lixo preto, que baila ao vento como um símbolo de algo que já não é. O Restaurante O Pescador tem uma placa a dizer "Vende-se" há tanto tempo que quase está ilegível. Ao lado, o *Snack-bar* Estrela do Vale, perto da casa onde Carlos se instalou com a família, já tem metade do toldo a rasgar-se. Tudo fechado há mais tempo do que os mais novos conseguem recordar.

Na Rua de Henrique Barrilaro Ruas existe uma churrasqueira, com uma pequena esplanada, ao lado de uma garagem, paragem de muitos taxistas, ao lado da Barbearia Granda Pente, onde hoje ardem velinhas, junto a *bouquets* de rosas brancas e de margaridas, santos e santinhas, votos de eterna saudade, pedidos de justiça. E, por

“

Nós sabemos
como se faz.
Temos escolhido
não o fazer
Ricardo Santos,
arquitecto

baixo de uma fotografia das vítimas do triplo homicídio, como se o seu sorriso se tivesse realojado de novo naquela rua, tantas, tantas mensagens de dor. Carlos Pina cumpriu ali o seu sonho, mas fez muito mais do que isso, talvez porque o seu feitiço era o de o unir e não de separar. A sua barbearia era um espaço gregário, com as funções de verdadeira assistência social. Tinha sempre música a tocar. Era lá que o malta do bairro se juntava, era lá que a miudagem parava quando saía da escola, não havia quem passasse que não parasse para o cumprimentar, para lhe dizer nem que fosse bom dia, que no bairro também se usa.

Na quarta-feira, dia 2 de Outubro, pelas 13h25, Carlos Alberto Pina foi assassinado com um tiro na cabeça no interior do sonho da sua vida. À porta da barbearia foram igualmente assassinados Bruno Neto e Fernanda Júlia da Silva, que estava grávida do segundo filho do casal, que residia no Carregado, onde deixaram uma filha órfã. O casal tinha cada um outro filho, fruto de outros relacionamentos. Carlos Pina deixa cinco filhos e um neto.

Fernando Silva, conhecido por Nando, morava no Bairro do Vale, assim como a sua família, que o ajudou na fuga. Na madrugada que sucedeu o crime, os carros que a família Silva lá deixou foram queimados. Só ficou intacta uma *roulotte*, pertença do pai do homicida, que tinha um grelhador mais velho do que o bairro, tendo de cenário um sonho perdido, o Sonho de Abril. Instalou-se um medo pesado naquela rua, cheias de holofotes e de polícias, com os invisíveis a ver o seu bairro em directo na TV.

Visto de fora, pode até parecer que aquele bairro fica num lugar que não é lugar. Mas esse é talvez o mais inocente dos preconceitos que se revelaram sobre a tragédia que trouxe para o bairro um aparato mediático nunca ali visto. Lá vieram as luzes e as câmaras e os microfones, os directos, o diz-que-diz-que, a possibilidade muito provável, as fontes próximas, o alguém que não se quis identificar, o alguém muito próximo da família dos defuntos, a informação que um vizinho disse da janela, as mais diferentes teorias da conspiração, num desfile de estereótipos, sem o mínimo respeito, a mínima reverência pela tragédia. E se tivesse acontecido num daqueles bairros de Lisboa de 7000 euros o metro quadrado? Ali, com os cadáveres a descoberto à luz do dia, era como se tudo aquilo fosse previsível, como um acerto de contas do destino. No fundo, só se revelaram todos os preconceitos que lá moram sem lá morar.

Na quarta-feira passada, uma semana após o crime, o suspeito do homicídio foi capturado, no Pinhal Novo, em casa de uma prima. Não deixa de ser paradoxal a forma como se descreveu a operação. Diz-se que foi o pai de Fernando Silva que evitou um "banho de sangue", negociando o seu acto de rendição. E o luto pôde descer ao bairro. Lançaram-se foguetes e balões brancos, que voaram mais alto do que as antenas parabólicas lá no alto, para homenagear as vítimas de um triplo homicídio. Por causa de um corte de cabelo.

Quando as velas se apagarem, eles ficarão de novo entregues a si próprios. Invisíveis, no mundo do seu bairro. Tão cedo, a paz não será ali realojada.

Texto publicado originalmente no **Contacto**, jornal luxemburguês em língua portuguesa

ID: 113596148

13-10-2024 | P2

Reportagem Bairro do
Vale, o dos invisíveis P14 a17

ID: 113596148

13-10-2024 | P2



Triplo homicídio O bairro dos invisíveis, no coração de Lisboa

P2
